

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C764 Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2 /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-898-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.981221802>

1. Ciências humanas. 2. Sociedade. I. Batista, Fabiano
Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**', dividida em dois volumes, reúne textos de autores e autoras nacionais e internacionais que propõem em trazer discussões atuais, críticas e necessárias sobre a importância, bem como as diversas contribuições dos estudos na área das Ciências Humanas para a sociedade.

Assim, ao longo dos 35 artigos podemos vislumbrar uma série de indagações, questionamentos e reflexões, que negam, afirmam e constroem saberes para que possamos entender e ampliar nosso repertório de conhecimento sobre as mais diversas sociedades e culturas.

Ao longo do primeiro volume é exposto um conjunto de textos que tematizam sobre um panorama nacional, enfatizando, sobretudo, as contribuições das Ciências Humanas para compreensão das dinâmicas e interações no Brasil. Assim, as principais abordagens e temáticas deste volume são: questões regionais, política e planejamento, educação e ciência, representações sociais sobre a velhice, agricultura familiar, questões mercadológicas, condições de trabalho, religião, dentre outros temas que exploram, cada qual a sua maneira, a realidade brasileira e as múltiplas relações com as Ciências Humanas.

No segundo volume os textos reunidos discutem sobre as produções das identidades, subjetivações, metodologias e epistemologia das Ciências Humanas, questões sobre a comunidade surda, juventude, suicídio, vida e morte e processos discursivos, se consolidando como uma abordagem multidisciplinar dentro das Ciências Humanas.

Neste sentido, podemos compreender, a partir das leituras, que as contribuições das Ciências Humanas, ao longo dos anos, nos permitem, conhecer nossa história, a história dos outros, entender o homem e a sociedade como um todo. Suas contribuições nos fornecem informações sobre Política, Mercado, Trabalho, Artes, Natureza, Relações Sociais, dentre outras instâncias da vida humana que precisam, cotidianamente, serem perscrutadas, remexidas e revisitadas, pois todas essas informações fazem de nós seres críticos e nos permitem a entender a realidade a nossa volta.

Por fim, esperamos que a coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**' possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre as contribuições das Ciências Humanas para a sociedade, buscando, cada vez mais, uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DOS INDÍGENAS EM MATERIAL DIDÁTICO PUBLICIZADO NO CIBERESPAÇO

Icléia Caires Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218021>

CAPÍTULO 2..... 16

QUESTIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS


Amilcar Baiardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218022>

CAPÍTULO 3..... 28

LOS CAMINOS EPISTEMOLÓGICOS EN LA OBRA DE PIERRE BOURDIEU: CIENTIFICISMO, REFLEXIVIDAD Y SENTIDO COMÚN

Pedro Robertt


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218023>

CAPÍTULO 4..... 41

ETHOS DA IDENTIDADE CULTURAL EM STUART HALL

Marcelo Manoel de Sousa


Saraí Patrícia Schmidt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218024>

CAPÍTULO 5..... 56

SLAM SURDO: POESIA ORAL INCLUSIVA E ENGAJADA EM ESPAÇOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS


Wanderlina Maria de Souza Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218025>

CAPÍTULO 6..... 67

DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA DO SURDO: REFLEXÕES TEÓRICAS SEGUNDO UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Ana Paula Oliveira e Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218026>


CAPÍTULO 7..... 84

PROPOSTA DE UMA METODOLOGIA PSICOSSOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DE DISPUTAS E RIVALIDADES EM CENÁRIOS SOCIAIS

Jair Araújo de Lima

José Jorge de Miranda Neto


Juliane Ramalho dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218027>

CAPÍTULO 8..... 105

PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM JOVENS: A RELEVÂNCIA DA AUTOESTIMA

Hanna Helen Gadelha de Souza Othon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218028>

CAPÍTULO 9..... 110


ENTRE A GLÓRIA E A LOUCURA - A PERSONAGEM FEMININA NA PROSA REGIONALISTA DE *INOCÊNCIA*, *FOGO MORTO* E *LAVOURA ARCAICA*

Rafaella de Aragão Gonçalves Nakayama Borges

Maria Eduarda Stadnick de Medeiros

Rhayane Duarte Rabelo

Luciana de Cassia Camargo Pirani


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218029>

CAPÍTULO 10..... 126

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A OBRA O GUARANI EM HQ, DE LUIS GÊ E IVAN JAF

Yasmin Rodrigues Menezes

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180210>

CAPÍTULO 11..... 139

CONCEPÇÕES DE MORTE E MORRER DE DOCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA UERN: A VIDA, VALOR ABSOLUTO

Paulo Sérgio Raposo da Silva


João Bosco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180211>

CAPÍTULO 12..... 149

A ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E TEXTOS ACADÊMICOS: ACIMA DO BEM E DO MAL?

Flávio Luis Freire Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180212>

CAPÍTULO 13..... 159


A APLICAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL COMO METODOLOGIA ATIVA EM PROJETO INTERDISCIPLINAR NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA






Daniela Brugnaro Massari Sanches

Gislaine Aparecida Barana Delbianco

Ricardo Francischetti Jacob

Sérgio Delbianco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180213>

CAPÍTULO 14.....	168
LA REPRODUCCIÓN DE LA ENSEÑANZA DE LA ENFERMERÍA EN GUANAJUATO	
Elia Lona Moctezuma	
Elia Lara Lona	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180214	
CAPÍTULO 15.....	181
O ENSINO DA SOCIOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO	
Natalina Sousa Ferreira	
Karine Beatriz Nascimento da Silveira	
Josinete Pereira Lima	
Eleanor Gomes da Silva Palhano	
Sidclay Santos Furtado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180215	
CAPÍTULO 16.....	192
PRODUCCIÓN DE ESPACIOS DE CONSERVACIÓN	
Amparo Albalat Botana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180216	
CAPÍTULO 17.....	211
DISCURSO E REPRESENTAÇÃO EM “O JARDINEIRO TIMÓTEO”	
Maria Cecília de Lima	
Eliana Dias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180217	
CAPÍTULO 18.....	223
COM QUE ROUPA EU VOU: A FUNÇÃO SOCIAL DA ROUPA ENQUANTO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	
Adelci Silva dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180218	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	236
ÍNDICE REMISSIVO.....	237

CAPÍTULO 2

QUESTIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Data de aceite: 01/02/2022

Amilcar Baiardi

DSc em Ciências Humanas pela UNICAMP, área de concentração em economia, professor titular em universidades federais, *visiting professor* nas universidades de Aarhus (Dinamarca) e Bolonha (Itália), Prêmio Jaboti em 1997, membro da Academia de Ciências da Bahia e da Academia Brasileira de Ciência Agrônômica

RESUMO: O presente texto tem como objetivo sugerir que o ensino de Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais, na forma de disciplina que é oferecida mais comumente ao nível de mestrado e menos ao nível de doutorado, seja reformulado com base nas contribuições mais recentes no terreno da epistemologia, as quais levam a uma aparente substituição do paradigma da singularidade pelo paradigma da complexidade. A tentativa de adotar o paradigma da complexidade ajudaria a dar mais legitimidade e praticabilidade à disciplina, atualizando-a diante do debate epistemológico contemporâneo. Procurar associar a história da evolução da ciência à trajetória de avanços do método de pesquisa e às condicionantes de investigação de cada etapa de conquista de conhecimento, ajudam a entender que o método é dinâmico, é próprio de cada pesquisador e está impregnado de subjetividade. Por estes motivos, deve-se concebê-lo à luz dos óbices que se colocam ao avanço do conhecimento nas humanidades e com imperativo da cooperação com outras áreas

do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Humanidades, Epistemologia, Metodologia de Pesquisa.

ABSTRACT: The present text aims to suggest that the teaching of Research Methodology in Social Sciences, in the form of a discipline, more commonly offered at the master's level and less at the doctoral level, be reformulated based on the most recent contributions in the field of epistemology, which lead to an apparent replacement of the singularity paradigm by the complexity paradigm. The attempt to adopt the complexity paradigm would help to give more legitimacy and practicability to the discipline, updating it in the face of the contemporary epistemological debate. Trying to associate the history of the evolution of science with the trajectory of advances in the research method and with the investigation conditions of each stage of knowledge conquest, help to understand that the method is dynamic, is unique to each researcher and is permeated with subjectivity. For these reasons, it must be conceived in light of the obstacles to the advancement of knowledge in the humanities and the imperative of cooperation with other areas of knowledge.

KEYWORDS: Humanities, Epistemology, Research Methodology.

1 | INTRODUÇÃO

A disciplina Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais, oferecida mais comumente ao nível de mestrado e menos ao nível de doutorado, vem sendo questionada pelas

seguintes razões: 1) não se constituir ferramenta eficiente na elaboração de trabalhos finais como dissertações e teses e 2) ser de pouca utilidade porque os próprios alunos têm acesso à experiências e a textos metodológicos mais ou menos adaptados ao seu objeto de pesquisa, ou 3) seja porque o método, em ciências humanas, tende a ser uma criação de cada pesquisador e tendo sua eficiência medida pela efetividade.

Embora alguma pertinência exista em tais argumentos, acredita-se, com base em experiência de mais de duas décadas de ensino de metodologia de pesquisa na pós-graduação, que essa disciplina pode ser de utilidade, não perfunctória e não redundante. Entretanto, para que isto aconteça, deve a mesma ter um conteúdo que não retome, mesmo aprofundando, o *approach* das regras, o receituário, por assim dizer, do método, ou dos métodos, de pesquisa, consagrados na área de ciências humanas.

O ensino de metodologia de pesquisa ao nível de pós-graduação deve ser atualizado, oferecer algo mais, indo além do trivial ou do banal, ultrapassando aquilo que cada aluno já sabe ou que poderia aprender individualmente. Acredita-se que mestrandos e doutorandos que realizam leituras sobre epistemologia e história da ciência no âmbito de disciplinas de metodologia de pesquisa, têm, *vis a vis* os que não o fazem, vantagens comparativas. Quando isso acontece, constata-se uma certa qualidade nos trabalhos de conclusão da disciplina, os quais repercutem sobre a maior capacidade de tratar metodologicamente o tema da dissertação ou tese.

De outro modo, diante da valorização do papel das ciências humanas na produtividade social - o que se justifica frente aos imperativos particulares do momento atual que impõe conduta mais racional dos agentes, redução do custo transacional e da exclusão social e a busca da competitividade ao nível da firma e ao nível mais agregado ou sistêmico -, sugere-se que o enfoque sobre a Disciplina de Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais vá além da abordagem do método, analisando mais amplamente os obstáculos ao deslocamento da fronteira em todas as áreas em que se divide o conhecimento nas humanidades e mais apropriadamente nas ciências sociais aplicadas, sem negligenciar as alertas de Bacon (1997) em relação aos “ídolos” que perturbam o espírito humano na pesquisa¹, dificultando uma representação do objeto mais próxima da realidade.

2 | INDO ALÉM DO RECEITUÁRIO DO MÉTODO DE PESQUISA

Este procedimento de ir além das regras gerais do método científico, permite chegar a resultados satisfatórios como superar a falsa dicotomia entre abordagens quantitativas

1 1) *Idola Tribus* (ídolos da tribo) Decorrem das limitações da condição humana e se revelam pela facilidade com que se generaliza com base nos casos favoráveis, omitindo os desfavoráveis; 2) *Idola Specus* (ídolos da caverna) Tendência a cada pesquisador ou observador a possuir sua própria caverna, na qual interpreta distorcidamente a luz que lhe é particular, confundindo imagens com realidade; 3) *Idola Fori* (ídolos do foro): Os ídolos do foro são aqueles causados pelos significados e simbolismos que são dados às palavras, à linguagem e 4) *Idola Theatri* (ídolos do teatro): Têm suas causas nos condicionamentos decorrentes de crenças dogmáticas em sistemas filosóficos, falseando demonstrações para conquistar espectadores em um suposto teatro.

e qualitativas, avançar na direção do conhecimento específico, distinguir a causalidade acidental da causalidade adequada e evitar representações que se sustentem em visões simplificadas e que ignorem os avanços obtidos com a incorporação da lógica na produção do saber organizado. Nesta linha torna-se um imperativo a exigência da interdisciplinaridade quando da constituição dos grupos de pesquisa, o que permite avançar do paradigma da singularidade para o da complexidade.

Este avanço na superação da singularidade, aparentemente, se deu em três oportunidades. Na primeira se tem o protagonismo de Morin (2007), que se propõe, no campo da epistemologia, ser multi-referenciado, aduzindo à práxis epistemológica o conceito de transdisciplinar, além do interdisciplinar e do multidisciplinar, para criticar o que denomina “paradigma da simplificação”. Para o autor essa sua conduta favoreceria o entendimento dos fatos fenomenológicos e abandonaria o reducionismo que privilegia a facticidade dos paradigmas que aderem à simplificação. Faz isto sugerindo que se aborde o objeto com olhar holístico que vá além da natureza das coisas e sem abstrair os debates sobre possibilidades cognoscitivas. Em essência, Morin (2007) critica a formulação do modelo iluminista que vê a realidade fracionada, propondo o que julga ser um melhor entendimento que esteja baseado na complexidade.

Para Morin (2007) a pesquisa contemporânea é fortemente influenciada pelos princípios de disjunção, de redução e de abstração cujo conjunto constitui o que ele conceitua como “paradigma de simplificação,” que tem sua raiz na formulação de Descartes (1999), que se tornou essencial no avanço da ciência no Ocidente, por separar o sujeito pensante (*ego cogitans*) e a coisa entendida (*res extensa*), isto é, filosofia e ciência, e ao colocar como princípio de verdade as ideias “claras e distintas”, a essência do próprio pensamento disjuntivo. Este paradigma, impulsionou o pensamento ocidental desde o século XVII e sem dúvida permitiu os maiores progressos ao conhecimento científico e à reflexão filosófica. Contudo, suas consequências nocivas últimas só começam a se revelar no século XX por perder capacidade explicativa e preditiva.

A segunda oportunidade, que não se sabe se era ou não de conhecimento de Morin (2007), não parte, necessariamente, da crítica a Descartes (1999) e da proposição da existência de um paradigma da simplificação. Ocorreu nas proximidades de onde nasceu a *Big Science*, que deu origem ao Projeto Manhattan, no Santa Fé Institute, Los Alamos, Novo Mexico, Estados Unidos da América. Lá, segundo Fischer, Tobi e Ronteltap (2011), um movimento semelhante tinha curso, não protagonizado por um pesquisador, mas sim por uma comunidade científica. Utilizando argumentos equivalentes, à identificação do que então foi denominado como “paradigma da singularidade”, ocorreu algo verdadeiramente surpreendente em termos de evolução epistemológica. Após a publicação do livro de Geoffrey West, (2017) “*SCALE -The Universal Laws of Life, Growth, and Death in Organisms, Cities, and Companies,*” no qual físico teórico se aprofunda na biologia para, posteriormente, com auxílio das ciências humanas, constatar surpreendentes regularidades

e similaridades entre os seres vivos, e compará-las às evoluções das cidades, passou-se, não só a cogitar, mas também a preceituar que o paradigma da singularidade já não dava conta de problemas atuais e complexos. De acordo com Veiga (2021) a contribuição de Geoffrey West (2017) foi fundamental porque recorreu às deduções matemáticas para sugerir uma teoria da sustentabilidade global, fundamentada nos contrastes entre ritmos de crescimento naturais e socioeconômicos. Mais surpreendente ainda, como relata Veiga (2021), com frequência surgiram problemas complexos, acompanhados de questões integrativas, cujo equacionamento passou a exigir uma análise profunda e abrangente nas dimensões técnicas e sociais.

A terceira oportunidade se dá com a entrada em cena das obras de Prigogine (1996) e Prigogine e Stengers (1997) nas quais, tomando como exemplo os debates ensejados no âmbito da física quântica, sugere que se esteja diante de uma nova revolução científica que irá repropor os pesos de cada componente da relação sujeito/objeto da pesquisa, (S) / (O), os quais estarão condicionados aos temas, ao 'estado da arte', aos avanços prévios e à capacidade de inserir abordagens mais complexas, menos determinísticas e mais participativas. Os autores sugerem também que os pesquisadores se deem conta de que a verdade e a realidade no mundo da ciência deixem de ser uma obsessão buscada e que a condição de espectador da natureza talvez seja a mais privilegiada.

Estes acontecimentos justificam defender que no ensino da metodologia, o método propriamente dito, seja visto como uma rota filosoficamente elaborada, contextualizada, amparada na pluralidade temática e bastante condicionada à visão de mundo do pesquisador que não deve ignorar que, diante de problemas complexos, convém buscar apoio em paradigma que vá além da singularidade. Em outras palavras, deve-se dar à Disciplina de Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais um conteúdo epistemológico no sentido de procurar entender que a teoria do método, ou dos fundamentos da pesquisa, reside na sua elaboração filosófica e que cada estágio civilizatório propicia a maior notoriedade, ou mesmo hegemonia, de um determinado método. Estes, no seu tempo e por sua vez, foram capazes de resolver problemas e de fazer representações do real compatíveis com o estado do conhecimento básico e com o estado das artes.

Em vários momentos da história, a tensão sujeito/objeto da pesquisa, (S) / (O), ofereceu inúmeras combinações de importância relativa e de magnitudes de papéis possíveis e teve sempre a marca da individualidade ou da subjetividade do pesquisador. Isto é tão verdadeiro que, mesmo nos períodos de maior ortodoxia, não se pode falar de um único método. O método termina por ser uma escolha, uma opção, que, segundo Konrad Lorenz (1981), se aprende ao viver, no caso ao viver a práxis científica. O homem seria dotado de um aparato cognoscitivo, próprio de cada indivíduo, com particularidades e especificidades inequívocas e capacidade de receber influência do meio, do momento histórico, da infraestrutura e da superestrutura que o circundam, o que significa, de algum modo, ser influenciado pelo paradigma da complexidade.

Poder-se-ia dizer que existe um gnoseologia evolutiva aprimorando o aparato cognoscitivo do homem, seja ela referida ao *a priori* de Kant (1996), seja ela referida ao meio no qual o pesquisador se insere. Seria como se as formas de representação e as categorias utilizadas pelo pesquisador se adaptassem ao mundo externo pelas mesmas razões que a anatomia de determinados animais se adaptam ao meio em que vivem.

Ainda dentro dos pressupostos de uma nova formatação para a Disciplina de Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais, caberia dizer que o método em si, revestido de um tratamento epistemológico, é captado na grande área das humanidades por meio dos vários textos que podem, simplificada, ser divididos em quatro grupos: 1) aqueles que se referem ao método em geral, como os de Immanuel Kant (1996); 2) aqueles que tratam da sua própria abordagem, como o de Karl Marx (1982); 3) aqueles que apresentam seu método com uma presunção generalizante, como o de Emile Durkheim (1960) e aqueles que sugerem um método a partir da crítica aos métodos propostos, entre os quais não está o próprio método, como Max Weber (1993). O ideal no oferecimento da disciplina é que cada discente ou grupo de discente se ocupe de cada autor com apresentação de um seminário e a elaboração de um trabalho de fim de curso.

Os trabalhos finais devem refletir preferências e identidades dos participantes em relação aos textos que foram objeto de debate - os quais estão inseridos em momentos epistemológicos muito bem definidos, não obstante a óptica de alguns deles possa ser a de ruptura/superação de paradigmas - mas não se limitarem aos mesmos. Torna-se relevante nesta conduta ampliar o espectro bibliográfico e abordar aquilo que se constitua matéria essencial e que seja instigante do modo de realizar a pesquisa na área das ciências humanas. A questão da subjetividade (ou da problemática da objetividade) na investigação - aí incluindo a relação entre a ciência e a ideologia - é uma temática relevante, mas não deve ser a única. A relação entre a base material e a superestrutura em Marx (1982), merece tratamento e o secular confronto entre empiristas e racionalistas deve constituir-se também em material de exame.

3 | A EPISTEMOLOGIA AO LONGO DO TEMPO: MOMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

Por momentos epistemológicos deve-se entender aqueles períodos da história da ciência nos quais havia uma nítida hegemonia de um conjunto de regras e protocolos para as investigações que visassem a busca do conhecimento novo. Um melhor e mais amplo entendimento das contribuições que os mesmos trazem para uma apreciação contemporânea dos problemas relacionados com a pesquisa nas ciências humanas, pode ser avaliado mediante uma síntese da evolução das condicionantes do trabalho de pesquisa na civilização ocidental, que é o que se tenta oferecer a seguir. Esta síntese não é nada mais que o enfoque cronológico e evolutivo necessário à análise dos textos sugeridos pelo

programa da disciplina Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais. Por meio da síntese descritiva é possível captar a dimensão evolutiva dos trabalhos, nos quais se procede a abordagens historicamente situadas. Este é um aspecto particularmente relevante que convém enfatizar-se. Mesmo quando se faz contrapontos de autores contemporâneos entre si, uma análise comparativa sincrônica portanto, é possível constatar que as divergências entre eles estão dadas, ademais da visão de mundo, pela maior ou menor adesão a uma tendência, historicamente determinada, de valorizar um ou outro dos seguintes elementos: observação/experimento, de um lado, e racionalização, do outro. Dito de outro modo, o que sempre marcou as diferenças entre as abordagens dos filósofos da natureza e as dos cientistas - onde se observa uma indiscutível continuidade da divergência - foi a maior ou menor ênfase conferida a um ou a outro destes dois pólos.

As primeiras obras consideradas científicas estavam inseridas nas visões de mundo e nos paradigmas de produção do conhecimento ensejados pelo período grego clássico e pelo período helenístico tardio, ou aquele que se situa, grosso modo, entre 300 anos a. C. e início da Era Cristã. Neste período, a Escola de Alexandria funcionava como centro cultural irradiador dos conhecimentos e dos métodos de como obtê-los. Eram visões um tanto difusas, mas referenciadas pelas contribuições de Platão, Aristóteles, Euclides, Epicuro, Arquimedes Erastótenes, Aristarco, Ptolomeu etc. Dentre estes, o que maior influência exerceu sobre o pensamento científico contemporâneo foi, provavelmente, Epicuro, o qual propôs uma teoria do conhecimento denominada 'canônica', que tem na percepção sensorial a pedra angular da verdade. Em certo sentido, somente uma visão de mundo diferente daquela professada na idade clássica da filosofia grega, poderia amparar os avanços técnico-científicos que viriam acontecer. Não é, então, sem justa razão que se deve atribuir à filosofia helenística o papel de servir como marco do **primeiro** momento epistemológico, o que acontece na Antiguidade (BAIARDI, 1996; 2008; 2015; 2020) (LUCIE, 1978) (KUNZMANN; BURKHARD; WIEDMANN, 1993).

As contribuições dadas à ciência durante a Idade Média - excluindo desta categoria aquelas que ainda receberam influência clássica porque foram geradas na Espanha quando esta fazia parte do mundo árabe - estavam inseridas nas visões de mundo e nos paradigmas da busca do saber ensejada pela interpretação cosmológica-dogmática, dada pela Igreja Católica ao pensamento de Aristóteles. Eram visões referenciadas pelas contribuições de São Tomás de Aquino que tentou evitar o divórcio da ciência com a fé, promovendo a síntese do aristotelismo com o cristianismo. Esta síntese implicava em afirmar que fé e razão não são inconciliáveis porque ambas derivariam de Deus. O tomismo sustentava que a teologia e a filosofia diferiam apenas no método, uma vez que a teologia traz Deus da origem e a filosofia procede da coisa criada e, pelo conhecimento da natureza, chega a Deus.

A construção ontológica de Tomás de Aquino e o complexo desenvolvimento de seus argumentos apresentavam chave explicativa para todas as coisas e fenômenos. A

presunção de que se havia chegado a um termo ideal, a uma convergência entre a busca do saber e entendimento da ordem natural estabelecida por Deus, levou a Igreja Católica a se opor a todas as novas descobertas científicas que contrariassem a ordem universal. Para fazer o conhecimento avançar, os filósofos que não compartilhavam deste paradigma, (Roger Bacon, Scot, Oresme, Ockham) não fizeram outra coisa que, paradoxalmente, retomar Aristóteles naquilo que ele avançava em relação à filosofia clássica grega, apoiando-se sobre a observação, a experiência e a teorização e propondo o que se denomina aqui de **segundo** momento epistemológico (BAIARDI, 1996; 2008; 2015; 2020) (LUCIE, 1978) (KUNZMANN; BURKHARD; WIEDMANN, 1993).

O **terceiro** momento epistemológico, por assim dizer, é aquele do Renascimento, marcado pela rejeição da visão cosmológica aristotélica mediatizada pela construção ontológica de Tomás de Aquino. Tudo tem início com a chamada Revolução Copernicana no âmbito da astronomia e cujo espírito se propaga para outros campos do conhecimento, alargando-os, em que pese a oposição da Igreja Católica à novas descobertas científicas, o que se acentua depois do Concílio de Trento, finalizado em 1553, que marca o surgimento da Inquisição. O clima cultural do Renascimento permitiu que a produção do conhecimento fosse além da visão genuína de Aristóteles naquilo em que ele diferia da filosofia clássica grega, enfatizando os papéis da observação, seguida da experiência e da teorização.

Durante o Renascimento, a experiência adquire uma outra envergadura, indo além do puro empirismo para assumir o estatuto de um método submetido à prova. Em um manuscrito de Stensen - naturalista dinamarquês que foi acadêmico da *Academia del Cimento* de Florença, instituição que simbolizou a nova visão sobre a ciência - a rota epistemológica típica dos filósofos da natureza do Renascimento é apresentada em quatro fases: 1ª) ter uma atitude pouco reverente em relação a tudo que foi escrito - Stensen guardava com ele um retrato de Descartes pisoteando com um pé uma obra de Aristóteles - ; 2ª) realizar tantas observações quantas forem necessárias, diretamente sobre o objeto de pesquisa; 3ª) extrair conclusões a partir das observações realizadas; 4ª) ter lúcida consciência das limitações dos resultados obtidos. Demais, Stensen enaltecia o emblema da *Academia del Cimento*, que era *provando e riprovando*, o que significava não bastar uma única demonstração para quem realizasse o experimento, mas sim a reprodução do mesmo quantas vezes fosse necessário, diante dos demais acadêmicos, obtendo, assim, o reconhecimento “inter pares”.

O novo método de busca do conhecimento sugerido pelos pesquisadores que mais se notabilizaram no Renascimento, entre os quais Kepler e Galileu, supunha que as conclusões das pesquisas tratassem de relações quantitativas determinadas numericamente, deixando de lado as tradicionais interrogações sobre a essência das coisas. Neste contexto, não há mais espaço para um conhecimento que não esteja baseado na nova forma de realizar pesquisa (BAIARDI, 1996; 2008; 2015; 2020) (SEQUEIROS, 2002) (LUCIE, 1978) (KUNZMANN; BURKHARD; WIEDMANN, 1993).

Continuando com a sequência, o **quarto** momento epistemológico seria aquele da Revolução Científica e tem o signo do aprofundamento da rejeição da visão cosmológica aristotélica mediatizada pela construção ontológica de Tomás de Aquino. Caracteriza-se pelo empenho do pesquisador em afastar todos os preconceitos sintetizados nos quatro ‘ídolos’ propostos por Francis Bacon (*idòla tribus*, *idòla specus*, *idòla fori* e *idòla theatri*), responsáveis, respectivamente, por distorções imanentes à natureza humana, ao indivíduo e ao seu ambiente, à linguagem e às escolas de pensamento com seus paradigmas. Segundo Paolo Rossi (2006), Bacon foi radical na desconstrução do que ele chamava de “escória da lógica escolástica” e na edificação de uma lógica dos fatos, sendo, nesta direção, um legítimo precursor do Iluminismo.

Durante a Revolução Científica toma corpo a idéia de Descartes da necessidade de se propor um sistema filosófico coerente e que vá além de uma simples interpretação do cristianismo, a consciência de que no mundo do saber se deve rejeitar todo o argumento de autoridade, aceitando aquilo que decorrer da reflexão: só reconhecer como verdadeiro o que evidentemente aparecer como tal. A contrapartida no campo da ciência à contribuição dada por Descartes no terreno da filosofia, é a obra de Isaac Newton. A *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* pode ser vista como um posicionamento contra a tradição e a autoridade que induz ao erro. É um esforço para extirpar as superstições pelo uso da observação e da matemática. Trata-se de uma obra que introduz a necessidade de um amplo tratamento quantitativo às investigações sobre a natureza. Neste ambiente caracterizado pela consciência do alcance de um gradual domínio da natureza e de uma fé inabalável no progresso, não há mais justificativa para um conhecimento que não esteja baseado nos pressupostos da Revolução Científica (BAIARDI, 1996; 2008; 2015; 2020) (LUCIE, 1978) (KUNZMANN; BURKHARD; WIEDMANN, 1993).

Dando seguimento à periodização, é possível propor que o **quinto** momento epistemológico teria sido aquele da Revolução Industrial. O mesmo tem a marca de um certo amadurecimento em termos do abrandamento da polarização entre o racionalismo e o empirismo, ou seja, fortalecia-se a idéia de que a representação do concreto, do supostamente real, seria igualmente dependente da observação e da experiência. Ambas as abordagens adquiriam um estatuto de reconhecimento como rotas essenciais para a busca do saber. Passava-se a reconhecer como fundamentais tanto as contribuições de Bacon, como as de Descartes, bem com a de seus respectivos seguidores.

A defesa deste equilíbrio, o qual de alguma forma se mantém até os dias de hoje, em termos de valorização de ambas as abordagens, - na prática é um reconhecimento nos meios científicos da essencialidade de se outorgar igual ênfase tanto ao sujeito como ao objeto de pesquisa - não surge por acaso. Decorre da proposição de um verdadeiro sistema filosófico por parte de Immanuel Kant (1996), diante de sua insatisfação com o que se apregoava sobre a capacidade cognoscitiva do homem, tanto pelos empiristas como pelos racionalistas.

Após ter sido despertado de um 'sono dogmático' por Hume e após ter sido convencido da importância da dúvida diante da razão, Kant inicia uma outra fase de seus escritos, a das três críticas (a do juízo, a da razão prática e a da razão pura) na qual, a partir de uma série de pressupostos, tenta demonstrar que as representações do concreto, do real, feitas pelo homem, são próprias ao mesmo, ou imanentes à sua natureza. Como tal, não reúnem condições de representar a verdade como ela é, na sua integridade. A base de sua argumentação está no fato do homem, no seu processo cognoscitivo, estar condicionado por juízos *a priori*, que não dependem da experiência. O intento de Kant é conciliar, no processo cognoscitivo, a receptividade da sensibilidade com a espontaneidade do intelecto. Diante do fato dos racionalistas definirem a experiência sensível como um pensamento confuso e os empiristas desvalorizarem as faculdades espontâneas do intelecto, Kant (1996) tenta resolver o problema através da síntese: ...“não é o conhecimento a adaptar-se ao objeto, mas sim o objeto a adequar-se ao conhecimento.....qualquer forma de conhecimento humano se origina na sensibilidade, evolui através dos conceitos e exaure-se nas idéias”. Estava estabelecida a crítica a todos os sectarismos, imparcialidades, facciosismos etc., no campo epistemológico. Kant influenciou todas as gerações de filósofos que o sucederam e todas as propostas de abordagem epistemológicas que vêm depois dele, as de Hegel e as de Marx por exemplo, têm a marca do kantianismo (BAIARDI, 1996; 2008; 2015; 2020) (LUCIE, 1978) (KUNZMANN; BURKHARD; WIEDMANN, 1993).

O **sexto** momento epistemológico, aquele do pensamento científico contemporâneo, tem sido profundamente influenciado pelo positivismo, que se alçou como filosofia do progresso a partir das obras de Auguste Comte. O positivismo reforçou a tendência de valorização dos preceitos da ciência moderna, baseada na observação, na experiência e na busca sempre e cada vez maior de utilidade para o saber, fazendo com que a dimensão nominalista se sobrepusesse à dimensão essencialista na produção do conhecimento.

Somente a partir das reflexões epistemológicas que tiveram lugar com as contribuições dadas pela física ao conhecimento da natureza - rompendo com o paradigma clássico e estabelecendo através da relatividade e da física quântica novas visões de objetos físicos infinitamente grandes e infinitamente pequenos - o positivismo e o neopositivismo, que punham a máxima ênfase na exatidão e na verificabilidade dos enunciados das ciências da natureza, começaram a ser questionados. Este questionamento se dá em nome da necessidade de a produção do conhecimento contemporâneo ter também como base certos elementos da filosofia, tais como a lógica. A lógica dando substância ao método e a exatidão vista como apenas um fim a ser perseguido, escoimaram da produção do conhecimento as velhas questões levantadas pela metafísica.

Entretanto, as contribuições que que ensejaram a possibilidade de outras abordagens metodológicas nas ciências sociais, provieram das seguintes fontes: 1) Bertrand Russell (2001) sobre o papel da lógica no conhecimento; 2) Círculo de Viena (Schlick, Carnap, Bergmann, Feigl, Gödel Hahn, Neurath e Waismann) sobre a linguagem ideal e sobre o

empirismo lógico, segundo Motloch (2014); 3) Institut für Sozialforschung de Frankfurt (Horkheimer, Adorno e Marcuse, principalmente) sobre a “Teoria Crítica,” refutação do posicionamento sistemático e a proposta do ceticismo, segundo Link (2016) e Corradetti (2012) e 4) Karl Popper (2004), criticando o empirismo e relativizando a similaridade da teoria à verdade. Este sexto momento epistemológico ainda vige e as controvérsias se explicitam no debate entre os reticentes da singularidade com os insurgentes da complexidade, como sugere Veiga (2021).

4 | FINALIZANDO

Esse debate se fortalece sensivelmente ao se aproximar o fim da segunda década do século XXI. As tensões entre a universalidade e a relatividade que surgem nos albores da segunda década do século XX e os avanços em termos de recursos de medição e processamento que se acentuam a partir da década de 1970, repropõem uma abordagem sistêmica da investigação científica, lançando as bases para impulsionar as contribuições interdisciplinares e para afirmação do grupo de pesquisa como modelo de organização da produção do conhecimento. De acordo com Prigogine (1996) e Prigogine e Stengers (1997), é hora de nos despojarmos de toda presunção de explicação da natureza e dar início a um novo diálogo com ela, certos de que os velhos e os novos demônios que punham em dúvida nossas certezas continuam presentes e em condições de nos levar a entender que está mais no nosso interior, na nossa subjetividade, que e nos recursos de visualização, mensuração, contagem e teorização que criamos, as dificuldades de entender e conciliar novas descobertas e evidências com os cânones estabelecidos. Em outras palavras, para a ciência continuar no seu ritmo de avanço, há necessidade de uma nova aliança com a natureza, que transite do domínio para o diálogo. Esse é o entendimento de e Prigogine e Stengers (1997).

Nesse ponto ao qual se chegou, consensualmente tido como mais avançado - *vis a vis* o passado – em termos de momentos epistemológicos, está longe de oferecer as respostas definitivas. A história não terminou e como existe um destino de racionalidade na aventura humana, é legítimo esperar que esta periodização tenha prosseguimento.

REFERÊNCIAS

BACON, Francis. *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza*. In: **BACON**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

BAIARDI, A. **Sociedade e Estado no apoio à ciência e à tecnologia: uma análise histórica**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

_____. *Evolução das Ciências Agrárias nos Momentos Epistemológicos da Civilização Ocidental*. In: MARTINS, Roberto de Andrade; MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira; SILVA, Cibelle Celestino; FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo. (Org.). **Filosofia e História da Ciência do Cone Sul**. 2ª ed. Campinas: Associação de Filosofia e História da Ciência, AFHIC, 2008, v. 1, p. 22-28.

_____. Método e Epistemologia nas Ciências Agrárias: Contribuição ao Ensino da Metodologia de Pesquisa na Graduação e na Pós-Graduação. In: **SOBER. (Org.). Anais do 53º Congresso da SOBER**. 1ed. Brasília: SOBER, 2015, v. 1, p. 1097-1117.

_____. O Ensino de História das Ciências Agrárias nas Universidades. In: Robson José de Oliveira. (Org.). **Agronomia: Jornadas Científicas - Volume 2**. 1ed. Guarujá: Editora Científica Digital, 2020, v. 2, p. 70-84.

CORRADETTI, Claudio. The Frankfurt School and critical theory. **The internet encyclopedia of philosophy**, 2012. <https://iep.utm.edu/home/about/>, acessado em 15/11/2021.

DESCARTES, René. Discurso sobre o método. In: **DESCARTES**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

FISCHER, Arnout R. H.; TOBI, Hilde; RONTELTAP, Amber. When natural met social: a review of collaboration between the natural and social sciences. **Interdisciplinary Science Reviews**, 36 (4) 341-358, 2011.

GOLDMANN, Lucien. **Ciências humanas e filosofia, que é a sociologia?** Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

HENSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. In: **KANT**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

KUHN, Thomas. S. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

KUNZMANN, Peter.; BURKHARD, Franz P.; WIEDMANN, Franz. **Atlante di filosofia**. Milano: Sperling & Kupfer Editori, 1993.

LINK, Fabian. Cooperation and Competition: Re-establishing the Institute of Social Research and the Emergence of the "Frankfurt School". **NTM Zeitschrift für Geschichte der Wissenschaften, Technik und Medizin**, v. 24, n. 2, p. 225-249, 2016.

LORENZ, Konrad. **The foundations of ethology**. Berlin Heidelberg: Springer, 1981.

LUCIE, Piere. **A gênese do método científico**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1978

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**, São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo** (tradução de LISBOA, Eliane). Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOTLOCH, Martin Adam. A tarefa e o fundamento da filosofia segundo os protagonistas de círculo de Viena: Carnap, Schlick e Neurath. **Revista Helius**, v. 1, n. 2, 2014.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. A nova aliança. Brasília: Editora UNB, 1997.

POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica**. Editora Cultrix, 2004.

ROSSI, Paolo. **Francis Bacon, da magia à ciência**. Londrina / Curitiba: EDUEL/ Editora da UFPR, 2006.

RUSSELL, Bertrand. **The problems of philosophy**. OUP Oxford, 2001.

SARTORI, Giovanni. **A política**. Brasília: Editora UNB, 1997, Cap. 2

SEQUEIROS, Leandro. Raíces de la Geología. Nicolás Steno, los estratos y el diluvio universal, Las. **Enseñanza de las Ciencias de la Tierra**, v. 10, n. 3, p. 217-242, 2002.

VEIGA, José. Eli. **As escalas da vida e o desafio da sustentabilidade: Como o físico britânico Geoffrey West identificou as leis que governam os ciclos de vida de tudo, das plantas e animais às cidades**. São Paulo/Rio de Janeiro, Valor Econômico – sábado, 11 de setembro de 2021

WEBER, Max. **A Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Editora Cortez/ Editora da UNICAMP, 1993.

WEST, Geoffrey. **SCALE -The Universal Laws of Life, Growth, and Death in Organisms, Cities, and Companies**. New York, NY, Penguin, 2017

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações literárias 126, 131

Adolescência 105, 106, 107, 108, 109

Análise do discurso 1, 3, 5, 14, 54, 55, 67, 68, 70, 71, 85, 96

Autoestima 105, 106, 107, 108, 109, 232

B

Bourdieu 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 168, 172, 173, 175, 177, 179

C

Ciências da religião 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148

D

Descentramento 41, 42, 43, 46, 47, 48

E

Ensino Religioso 139, 140, 144, 146

Epistemologia 16, 17, 18, 20, 26, 40

F

Fenomenologia 67, 68, 70

Formação do leitor 126, 128, 137

G

Gênero feminino 111

Guia didático 1, 2, 3, 5, 7, 9

H

História em quadrinhos 126, 128, 131

Humanidades 16, 17, 20, 145, 146

I

Identidade cultural 41, 49, 50, 53, 54, 74

Indígena 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 68, 114, 208

Indivíduo cartesiano 41, 47, 54

L

Língua de sinais 59, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81

Literário-político 56

Literatura 60, 63, 64, 65, 111, 112, 113, 117, 124, 130, 137, 138, 151, 179, 211, 219

M

Metodologia 16, 17, 19, 20, 21, 26, 27, 39, 62, 67, 69, 84, 85, 91, 95, 96, 99, 106, 141, 159, 161, 166, 191

Morte 42, 43, 71, 74, 106, 120, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

P

Pesquisa 1, 2, 3, 6, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 39, 40, 54, 59, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 96, 97, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 126, 128, 139, 141, 148, 152, 167, 181, 182, 186, 188, 190, 223, 235, 236

Pessoas surdas 56, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76

Poesia oral 56, 59, 60, 62, 64, 66

Prosa regionalista 110, 111, 112, 113, 116

Psicossociologia 84, 102

R

Reflexividade 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

S

Sentido común 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37

Slam surdo 59, 60, 62, 64

Sociología 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 179, 208, 210

Subjetividade 1, 6, 7, 11, 16, 19, 20, 25, 45, 46, 47, 48, 153, 156

Suicídio 105, 106, 107, 109

V

Vivência 13, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 80, 130, 224

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2







-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022